

Eça de Queiroz na *Província de São Pedro*

Carlos Alexandre Baumgarten

PUCRS

Resumo

Este artigo focaliza a recepção da obra do romancista português no âmbito da *Província de São Pedro*, revista de caráter interdisciplinar, que circulou no Rio Grande do Sul entre as décadas de 40 e 50 do século passado. Nessa perspectiva, são recuperados e analisados, de um lado, os ensaios críticos divulgados sobre a narrativa e o teatro de Eça de Queiroz, e, de outro, um conjunto de depoimentos prestado por escritores brasileiros, que salientam a qualidade de sua obra e registram a sua influência no romance produzido no Brasil.

Palavras-chave: Eça de Queiroz; crítica literária; século XX.

Abstract

This paper focuses on the reception of the literary work of the Portuguese novelist within the *Província de São Pedro*, interdisciplinary journal that circulated in Rio Grande do Sul between the 40's and 50's of last century. From this perspective, the critical essays published about narrative and theater of Eça de Queiroz are analyzed. In addition, a set of statements provided by Brazilian writers, highlighting the quality of Eça's literary work, are recovered. Both, essays and statements, recognize the influence of the Lusitanian novelist on the Brazilian novel.

Keywords: Eça de Queiroz; literary criticism; twentieth century.

Nenhum de nós escapou à influência de Eça de Queiroz. Não adianta torcer o nariz, pretendendo esconder o que é tão claro. Escritor muito mais brasileiro do que português, ele foi para nós uma espécie de irmão mais velho, a quem se admirava e imitava. Na nossa literatura houve muito do seu monóculo.
Athos Damasceno

I – A *Província de São Pedro*

A Livraria do Globo, de Porto Alegre, depois Editora Globo, desenvolveu no Rio Grande do Sul, especialmente a partir dos anos 40 do século passado, um amplo e ambicioso projeto editorial, que incluiu não apenas a edição de autores locais, algo que já vinha sendo realizado desde as primeiras décadas do mesmo século, mas de escritores e obras importantes no âmbito da tradição cultural do Ocidente. Nesse sentido, são publicadas, entre outras, *A comédia humana*, de Honoré de Balzac, *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, *Aventuras de Pickwick*, de Charles Dickens, e inúmeras narrativas de romancistas expressivos, como Sinclair Lewis, Emily Brontë, Somerset Maugham, Pearl Buck e George Orwell. O exame da atuação da Editora Globo revela

ainda a criação de duas grandes linhas editoriais vinculadas às chamadas *Coleção Província*, voltada para a divulgação de livros sobre questões rio-grandenses, e a coleção *Biblioteca dos Séculos*, destinada à edição de pensadores, como Platão, Aristóteles, Montaigne e Nietzsche, e de poetas e prosadores estrangeiros.

É também de responsabilidade da Globo a publicação da *Província de São Pedro*, revista de caráter interdisciplinar que, sob a direção de Moysés Vellinho, circulou entre os anos de 1945 e 1957. A *Província*, ao longo de seus vinte e um números, contou com a colaboração de nomes significativos no âmbito da cena literária brasileira. Encontram-se nesse caso autores como Paulo Rónai e Otto Maria Carpeaux, responsáveis, em momentos diferentes, por uma seção de título Letras Estrangeiras, cujo objetivo principal era a divulgação de obras de autores europeus e norte-americanos. Ao lado deles, Guilhermino Cesar, na seção Livros e ideias, encarregava-se do exame do movimento literário nacional. Paralelamente a essas colunas de cunho permanente, a revista divulgou textos de poetas, como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Raul Bopp, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Mario Quintana, Augusto Meyer, entre tantos outros; de prosadores, como Graciliano Ramos, Erico Verissimo, Dyonélio Machado, Marques Rebelo, Ledo Ivo, Reynaldo Moura; de ensaístas, como Afrânio Coutinho, Lúcia Miguel-Pereira, Roger Bastide, Olívio Montenegro, Wilson Martins e Antonio Candido. A participação desses autores foi, sem dúvida, decisiva para que a *Província de São Pedro* atingisse o objetivo a que se propunha, qual seja o de “não afogar-se nas águas rasas da retórica regionalista” (VELLINHO, 1945, p. 5), segundo palavras divulgadas por Moysés Vellinho em editorial.

II – Eça de Queiroz na *Província de São Pedro*

A obra de Eça de Queiroz, por muito tempo, ficou ausente das páginas do ensaio crítico sul-rio-grandense, a despeito da inegável influência que exerceu sobre os escritores do estado. Tal circunstância, contudo, começou a ser modificada, quando, em 1938, Clodomir Vianna Moog lança o seu *Eça de Queiroz e o século XIX*, alentado volume, em que o ensaísta sulino traça a biografia do romancista português, salienta sua importante participação nos principais eventos da vida cultural lusitana dos oitocentos, promovendo, paralelamente, a leitura de sua obra. A publicação de Vianna Moog, pela

repercussão que alcançou junto à intelectualidade do Estado, coloca-se como um marco da recepção crítica da produção queirosiana no Rio Grande do Sul.

Nessa perspectiva, a partir da obra de Vianna Moog e, especialmente, quando se aproxima a data de comemoração do centenário de Eça de Queiroz, ainda na primeira metade da década de 40 do século XX, o Rio Grande do Sul assiste ao surgimento de um grande número de ensaios e de matérias jornalísticas sobre a obra do autor d'*O crime do Padre Amaro*. Tal repercussão ocorre, principalmente, através do trabalho desenvolvido pela *Província de São Pedro*.

O exame das páginas da *Província*, no que respeita ao estudo de autores portugueses, revela que Eça de Queiroz é, dentre todos, aquele que goza de maior prestígio entre a intelectualidade brasileira da primeira metade do século passado. Nos vinte e um números da revista, é ele o autor lusitano mais estudado, seja através de ensaios críticos que abordam diferentes aspectos de sua obra, seja através de entrevistas com escritores brasileiros, que registram a importância do autor de *Os Maias* para a literatura de língua portuguesa.

III – Eça e os escritores brasileiros

No número três, de dezembro de 1945, a *Província de São Pedro* publica uma entrevista com vários escritores brasileiros, em que os mesmos são incitados a responder às seguintes perguntas: 1 – A seu ver, quais as razões da vitalidade e atualidade da obra de Eça de Queiroz? 2 – Se houve influência da obra de Eça, até que ponto ela se exerceu na sua formação literária? 3 – Escritores do caráter literário de Eça de Queiroz são espíritos construtivos ou não? A matéria, divulgada sob o título “Três perguntas sobre Eça de Queiroz” (VERISSIMO et al., 1945, p. 25-30), e motivada pelo transcurso do centenário de nascimento do autor de *As cidades e as serras*, traz o depoimento de romancistas, contistas, poetas e ensaístas, como Erico Verissimo, Dyonélio Machado, Cyro Martins, Darcy Azambuja, Mario Quintana, Carlos Dante de Moraes, Athos Damasceno e Vidal de Oliveira.

Os entrevistados são unânimes em afirmar a atualidade da obra queirosiana, embora a justifiquem a partir de elementos distintos. Erico Verissimo, por exemplo, apoia sua resposta no exame das personagens criadas por Eça, pois, segundo ele,

os romances de Eça de Queiroz estão vivos pela mesma razão pela qual os livros de Dickens ainda hoje estão vivos. Porque são vida. Porque as figuras de Eça não só respiram como também transpiram. Porque têm três dimensões e movem-se num mundo tridimensional. (VERISSIMO et al., 1945, p. 25)

A novidade na afirmação de Verissimo está no fato de ele, ao valorizar a obra do autor português, estabelecer comparação com a do inglês Charles Dickens, uma vez que a crítica brasileira, via de regra, ao falar de Eça de Queiroz, normalmente enfatiza a influência da literatura francesa que nela se manifesta.

Carlos Dante de Moraes, diferentemente de Verissimo, atesta a vitalidade da ficção queirosiana em outros dois elementos: na feição plástica que apresenta e no humor de que se reveste. Nesse sentido, afirma o ensaísta:

A obra de Eça de Queiroz é fácil de ler e possui um encanto envolvente. Esse escritor eminentemente visual, que se coloca em plena claridade solar, apalpando os contornos, marcando bem os volumes, exagerando as curvas, sabe como poucos divertir, deliciar e repousar. (VERISSIMO et al., 1945, p. 25)

Outro dos entrevistados, Hamílcar Garcia, reflete sobre a atualidade da prosa de Eça de Queiroz considerando-a no âmbito de uma perspectiva da historiografia literária e, por isso, salienta seu papel de divisor de águas no curso da história literária portuguesa, pois com ela “Portugal sai das suas fronteiras culturais e entra em circulação européia e internacional, conhecendo Paris, viajando à Inglaterra, ao Oriente Próximo e mesmo ao Brasil” (VERISSIMO et al., 1945, p. 29). Semelhante posição assume Vidal de Oliveira, que identifica no estilo queirosiano, “leve e simples em contraste com o gramaticismo clássico” (VERISSIMO et al., 1945, p. 29), uma mudança de rumo na literatura portuguesa concebida após o Romantismo. Já Dyonélio Machado e Cyro Martins, cada um a seu modo, vinculam a vitalidade e a atualidade das narrativas de Eça de Queiroz à habilidade que teve ele em fixar as circunstâncias sociais de seu tempo e ao realismo com que focalizou as mazelas do cotidiano português.

O exame do conjunto de depoimentos de escritores e ensaístas brasileiros, cuja carreira intelectual teve início no curso da década de 30 do século passado, revela que são eles unânimes em reconhecer a permanência da obra do autor de *A relíquia*, ainda que decorridos então 45 anos de sua morte. O mesmo ocorre quando se manifestam a respeito da influência de Eça de Queiroz em sua formação literária. É, talvez, Athos

Damasceno quem melhor resume a ideia presente em quase todas as respostas, quando afirma:

Nenhum de nós escapou à influência de Eça de Queiroz. Não adianta torcer o nariz, pretendendo esconder o que é tão claro. Escritor muito mais brasileiro do que português, ele foi para nós uma espécie de *irmão mais velho*, a quem se admirava e imitava. Na nossa literatura houve muito do seu monóculo. (VERISSIMO et al., 1945, p. 29)

Igualmente, ao responderem sobre o caráter da obra de Eça, todos negam revestir-se ela de uma intenção destrutiva. Pelo contrário, “o escritor que investe com humour contra preconceitos carunchados e toda essa maçada que maneou as gerações passadas faz obra construtiva” (VERISSIMO et al., 1945, p. 29), registra Athos Damasceno. Ou ainda, no dizer de Cyro Martins, que reconhece ter o romancista português “contribuído para despertar, no espírito dos homens, o anseio por uma estrutura melhor do mundo que continua inacabada” (VERISSIMO et al., 1945, p. 30).

A constatação que se faz, após a leitura das entrevistas concedidas pelos escritores referidos, apesar de serem todos eles tributários da estética modernista, que nas primeiras décadas do século XX promoveu profundas transformações na cena literária brasileira, é que eles revelam-se não apenas leitores de Eça de Queiroz, como são unânimes em registrar a importância e atualidade de sua prosa de ficção.

IV – Eça e a crítica da *Província*

Ao lado das entrevistas com escritores brasileiros, a *Província de São Pedro* divulga, em diferentes números, uma série de ensaios críticos em que a obra de Eça de Queiroz é objeto de análise. Encontra-se, nesse caso, o editorial de Moysés Vellinho, e texto de abertura do número 3, de dezembro de 1945. Escrito a propósito do transcurso do centenário de nascimento do autor português, o ensaio de Vellinho enfatiza o caráter reformador da prosa de ficção queirosiana, especialmente no que tange à renovação da língua portuguesa, que se viu desembaraçada dos “detritos que a vinham atravancando” (VELLINHO, 1945, p. 5).

Vellinho, ao examinar o conjunto da produção literária de Eça de Queiroz, preocupa-se essencialmente com a caracterização do estilo do autor de *A ilustre casa de*

Ramires que, segundo o ensaísta, é o elemento responsável por sua atualidade e vigor. Por isso, afirma:

Quando se fala em estilo a propósito de Eça de Queiroz, está claro que não se pense em mero arranjo de efeitos literários ou feliz combinação de valores plásticos ou ornamentais. Se bem que não lhe desagradassem tais recursos, não é daí que vem a originalidade da linguagem que nos legou, mas de sua *atualidade*, do seu caráter direto e flagrante. (VELLINHO, 1945, p. 5)

No mesmo número da *Província*, é divulgado o ensaio “O Eça das *Prosas bárbaras*”, de autoria de Carlos Dante de Moraes, em que o crítico se ocupa do exame dos folhetins originalmente publicados na *Gazeta de Portugal*. Partindo da pergunta “Que Eça aí se revela?”, o ensaísta registra a adesão, desde logo manifesta, a uma nova escola literária que não a romântica, pois se “a sensibilidade artística, delicada e vibrátil, que lhes deu alento, se ainda é romântica, também já ultrapassa por vários sinais e aspectos o romantismo” (MORAES, 1945, p. 139). Na defesa de sua posição, Carlos Dante de Moraes aponta para o caráter visual da ficção de Eça de Queiroz que, aliado à musicalidade, o colocaria como um precursor do Simbolismo, notadamente em temas como a *Ladainha da dor*, em torno do mágico e diabólico Paganini e do louco Lyser.

Outro aspecto que chama a atenção do analista é o indício de um culto naturalista nas *Prosas bárbaras*, uma vez que é a natureza a sua principal personagem. “Por isso, é na boca dos bichos ou dando consciência e voz aos inanimados que ele profere as suas queixas morais e filosóficas” (MORAES, 1945, p. 141). Em verdade, o crítico parece referir-se à utilização que Eça de Queiroz faz de elementos retirados da natureza, especialmente quando se propõe à caracterização do que é belo, do que é puro e do que é saudável. Nas *Prosas bárbaras*, o mundo natural representa o bem em oposição ao mal que marca o espaço social, que é encarado sob uma perspectiva pessimista.

Carlos Dante de Moraes encerra seu texto estabelecendo um paralelo entre a ação desenvolvida por Antero de Quental e por Eça de Queiroz. Ao mesmo tempo em que reconhece o trabalho de ambos em prol da renovação do pensamento e da arte literária portuguesa, registra a diferença entre eles: enquanto Antero desiste da luta a que se tinha lançado, Eça, até os últimos escritos, continua a defender as ideias que estão presentes nas *Prosas bárbaras* e nas conferências do Cassino Lisbonense.

O autor de *O crime do Padre Amaro* volta a ser objeto de estudo na *Província*, em junho de 1946, quando Moysés Vellinho publica “Eça de Queiroz e o espírito de rebeldia” (VELLINHO, 1946, p. 82-90). Nesse texto, como já o fizera no editorial anteriormente referido, o crítico encaminha sua análise no sentido de valorizar o estilo do autor português, visto como o aspecto responsável pela renovação da língua portuguesa e pela perenidade alcançada por sua obra. Todavia, para chegar a tal conclusão, procede a uma recuperação do percurso de Eça desde a sua juventude, passada em Coimbra, até os últimos escritos. Segundo Vellinho, em todos os momentos dessa trajetória, o que marca a ação política do romancista e de sua obra é o que chama de espírito de rebeldia, sendo, por essa razão, o desacato a chave para a compreensão de sua obra.

Contrariamente ao que escrevera Carlos Dante de Moraes, Vellinho se alia àqueles que veem na obra de Eça uma forte presença do romantismo. Nesse sentido, afirma:

ele era fundamentalmente um romântico. No desenho de seus tipos preferidos, aqueles em cuja companhia se sentia mais à vontade, o realista havia de ficar apenas na concepção ou quando muito no esboço: quem lhes dava corpo, quem lhes fixava as feições definitivas era o romântico. (VELLINHO, 1946, p. 85)

Se Eça se mostra tributário do romantismo na composição de suas personagens, para Vellinho é ele também um romântico quando se dedica à descrição da natureza, frente a qual “guarda [...] uma atitude de invariável lirismo” (VELLINHO, 1946, p. 86). Na formulação de sua tese, o ensaísta recorre não apenas a citações de passagens de *As cidades e as serras*, como estabelece um paralelo com a obra de Fialho de Almeida que, ao contrário de seu compatriota, mostra-se “implacável no seu objetivismo” (VELLINHO, 1946, p. 86).

Moysés Vellinho encerra seu texto, o mais longo dentre os publicados na *Província de São Pedro*, situando o principal valor da ficção queirosiana na renovação que empreendeu no âmbito da língua portuguesa. Nessa medida, “foi, sem dúvida, pelo estilo mais do que pelo conteúdo político de sua obra, que o grande romancista traduziu os impulsos de renovação que tanto o perseguiram” (VELLINHO, 1946, p. 90).

José Geraldo Vieira, com o ensaio “Nos bastidores do centenário de Eça de Queiroz” (VIEIRA, 1946, p. 29-33), é outro crítico que se propõe analisar a obra do

ficcionista português. Como seus antecessores, Vieira anota o caráter renovador da produção literária de Eça, mas, ao contrário deles, que normalmente apontam as influências estrangeiras, notadamente francesas, em sua prosa de ficção, opta por associá-la à tradição literária portuguesa, quando então nela encontra ecos de Bernardim Ribeiro, Gil Vicente, Almeida Garrett, dentre outros.

“Eça de Queiroz e o teatro”, de Waldemar de Oliveira, encerra o conjunto de ensaios críticos presentes na *Província de São Pedro* relacionado ao exame da obra de Eça de Queiroz. O objetivo principal do ensaísta é comprovar a influência do teatro nas narrativas do romancista lusitano, a partir da recuperação de sua experiência, quando jovem em Coimbra, junto ao Teatro Acadêmico. Segundo Oliveira, tal influência se manifestaria não apenas na criação de figuras e ambientes, pois

Eça revela, em sua técnica de romancista, ainda um sentido teatral, quando constrói soberbas criações cênicas, episódios que poderiam passar, quase intatos, das páginas de suas obras para o soalho do palco, como se tivessem sido realmente escritos para a vida palpitante da ribalta. (OLIVEIRA, 1955, p. 55)

O breve exame do conjunto de depoimentos e ensaios sobre a obra queirosiana permite algumas conclusões:

a – em primeiro lugar, revela que a obra do autor português continua presente no horizonte de leitura de romancistas e ensaístas brasileiros em atividade no final da primeira metade do século XX;

b – em segundo lugar, é provável que, para além do valor da produção literária do autor português, o fato de a literatura brasileira, desde o início dos anos 30 do século passado, se apresentar predominantemente marcada por uma narrativa de tom realista e com ênfase na representação do social seja o responsável pelo perfil positivo com Eça de Queiroz emerge das páginas da *Província*.

Mais do que isso, contudo, a presença desse conjunto significativo de depoimentos e de ensaios sobre a obra do romancista português, notadamente a partir dos anos 40 do século XX, revela a importância e a influência exercidas por Vianna Moog que, com seu texto pioneiro, recoloca em circulação a obra de Eça de Queiroz, no âmbito do ensaio crítico sul-rio-grandense. Além disso, faz-se necessário registrar que esse esforço desenvolvido pela intelectualidade sulina, em atividade no curso dos anos

40 do século passado, é também uma evidência do processo de canonização a que, então, vinha sendo submetida a produção literária de Eça de Queiroz.

Referências

- MOOG, Clodomir Viana. *Eça de Queiroz e o século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1938.
- MORAES, Carlos Dante de. O Eça das *Prosas bárbaras*, *Província de São Pedro*, Porto Alegre, n. 3, p. 139, dez. de 1945.
- OLIVEIRA, Waldemar de. Eça de Queiroz e o teatro, *Província de São Pedro*, Porto Alegre, n. 20, p. 45, 1955.
- VELLINHO, Moysés. Editorial, *Província de São Pedro*, Porto Alegre, n. 3, p. 5, dez. de 1945.
- _____. Eça de Queiroz e o espírito de rebeldia, *Província de São Pedro*, Porto Alegre, n. 5, p. 82-90, jun. de 1946.
- VERISSIMO, Erico et al. Três perguntas sobre Eça de Queiroz, *Província de São Pedro*, Porto Alegre, n. 3, p. 25-30, dez. de 1945.
- VIEIRA, José Geraldo. Nos bastidores do centenário de Eça de Queiroz, *Província de São Pedro*, Porto Alegre, n. 7, p. 29-33, dez. de 1946.

Minicurrículo

Carlos Alexandre Baumgarten é professor-adjunto de Teoria da Literatura, na Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-RS. Doutor em Teoria da Literatura e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq.